

Adaptações curriculares para contribuir na permanência e inclusão do estudante com transtorno opositor desafiador no ensino fundamental

Sara Maria de Jesus Santos

Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia no ISEPAM- FAETEC, Campos dos Goytacazes- RJ

RESUMO

As adaptações curriculares são estratégias pedagógicas que visam atender às necessidades individuais dos estudantes, garantindo a sua inclusão e promovendo a sua participação efetiva no ambiente escolar. No caso de estudantes com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) no ensino fundamental, algumas adaptações são importantes para contribuir com a sua permanência e inclusão. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é melhorar a compreensão do TOD e suas implicações educacionais, visando fornecer orientações práticas para educadores e profissionais da área. A justificativa para a escolha deste tema reside na necessidade de discutir e explorar estratégias e práticas que possam garantir a inclusão e o sucesso acadêmico e social de alunos com Transtorno Opositor Desafiador, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e uma sociedade mais justa e igualitária. A pesquisa é de natureza qualitativa, com busca em referencial bibliográfico de artigos científicos encontrados nas bases de dados do *Scielo* e *Google Acadêmico* entre 2013 a 2023. No decorrer deste trabalho, pode-se analisar e compreender a complexidade do Transtorno Opositor Desafiador (TOD) no contexto do ensino fundamental. De acordo com os dados encontrados, foi possível concluir que esse transtorno comportamental apresenta desafios significativos tanto para os alunos que o vivenciam quanto para os educadores que lidam com suas manifestações em sala de aula. Diante disso, é necessário que adaptações curriculares sejam bem planejadas para que os estudantes possam usufruir dos seus direitos de forma adequada.

Palavras-chave: Transtorno Opositor Desafiador, Adaptações curriculares, Educação inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de estudantes com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) no ensino fundamental é um desafio para o sistema educacional. O TOD é uma condição psiquiátrica caracterizada por um padrão persistente de comportamento negativista, desafiador, desobediente e hostil em relação a figuras de autoridade. Esses comportamentos podem impactar significativamente o ambiente escolar, afetando o aprendizado do próprio estudante e dos colegas.

Para garantir uma experiência educacional bem-sucedida para esses alunos, é essencial implementar adaptações curriculares que levem em consideração suas necessidades específicas. Essas adaptações devem ser planejadas de forma individualizada, considerando o perfil e o nível de funcionalidade de cada estudante com TOD.

Desse modo, alunos com TOD muitas vezes enfrentam dificuldades significativas em ambiente escolar, o que pode afetar seu desempenho acadêmico, bem-estar emocional e relacionamentos interpessoais (VIEIRA; HERNANDEZ; RAMOS, 2019).



Ainda de acordo com os autores, a inclusão de alunos com TOD nas escolas regulares é fundamental para garantir que eles recebam o apoio necessário a fim de seu desenvolvimento integral, pois a educação inclusiva oferece estratégias e recursos adequados para atender às necessidades específicas desses alunos, promovendo um ambiente escolar acolhedor e estimulante (VIEIRA; HERNANDEZ; RAMOS, 2019).

De acordo com Araújo e Araújo (2018), ao adotar a abordagem inclusiva, as escolas podem proporcionar suporte emocional, social e acadêmico aos alunos com TOD, permitindo que eles se engajem plenamente no processo educacional e alcancem seu potencial máximo. Além disso, a inclusão também promove a compreensão e aceitação da diversidade, preparando todos os alunos para viverem em uma sociedade mais inclusiva e tolerante (ARAÚJO; ARAÚJO, 2018).

O problema de pesquisa envolve investigar as estratégias e abordagens pedagógicas eficazes para promover a inclusão de alunos com TOD, considerando suas necessidades específicas. Além disso, é fundamental examinar a disponibilidade de recursos e suporte adequados para os educadores e profissionais da saúde lidarem com os desafios apresentados pelos alunos com Transtorno Opositor Desafiador.

A hipótese deste estudo é de que ao implementar estratégias pedagógicas individualizadas que foquem no desenvolvimento das habilidades socioemocionais, no estímulo ao engajamento ativo e na criação de um ambiente de apoio e compreensão, é possível melhorar a experiência educacional e promover a inclusão bem sucedida de estudantes com TOD no contexto do Ensino Fundamental.

A justificativa do tema se dá pela necessidade de abordar e discutir questões relacionadas à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em contextos escolares. O Transtorno Opositor Desafiador é uma condição que afeta a vida acadêmica e social desses estudantes, demandando uma atenção específica para garantir seu pleno desenvolvimento.

2 OBJETIVO

O objetivo geral a ser traçado nessa pesquisa é compreender melhor o TOD e suas implicações educacionais, visando fornecer orientações práticas para educadores e profissionais da área.

Os objetivos específicos visam pesquisar na literatura se há adaptação curricular para alunos com TOD no Ensino Fundamental; Identificar estratégias eficazes baseadas em evidências para auxiliar os professores; Fornecer apoio teórico para os educadores, a fim de proporcionar uma educação inclusiva e de qualidade para esses estudantes.

3 METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica. De acordo com Garcia (2016), a pesquisa bibliográfica é um método utilizado para coletar informações e conhecimentos pré-existentes sobre um determinado tema, por meio da consulta e análise de diversas fontes bibliográficas,



como livros, artigos científicos, dissertações, teses, relatórios técnicos, entre outros.

Para o autor, o objetivo da pesquisa bibliográfica é obter uma visão abrangente e aprofundada do tema de estudo, examinando e sintetizando o conhecimento disponível. É um passo fundamental em qualquer processo de pesquisa, pois permite identificar as lacunas existentes no conhecimento, entender as teorias e conceitos fundamentais relacionados ao tema e embasar teoricamente a investigação (GARCIA, 2016).

A pesquisa fará uso de uma pesquisa qualitativa que tem objetivo de desmistificar um fato real, identificar o problema e cunhar alternativas que ajudem na melhora da situação abordada. Para a revisão bibliográfica deste artigo foram usados artigos científicos encontrados nas bases de dados do *Scielo* e *Google Acadêmico* com linha temporal entre 2013 até 2023, usando as palavras-chave: TOD; Adaptações Curriculares; Educação Inclusiva.

No desenvolvimento deste estudo é feito um breve histórico da Educação Especial no Brasil, com abordagem sobre a definição do TOD. Além disso, serão apresentadas adaptações e flexibilizações e estratégias que estimulem o interesse da criança com TOD nas atividades propostas. Ademais, é discutido o tema de acordo com os estudos pesquisados e por fim as considerações finais do mesmo.

4 DESENVOLVIMENTO

4.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

A Educação Especial é um campo da educação que se dedica ao atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais, que podem ter algum tipo de deficiência, transtorno de desenvolvimento ou dificuldades de aprendizagem. Ao longo da história, a forma como a sociedade encarou e tratou as pessoas com necessidades especiais evoluiu significativamente (TEIXEIRA, 2015).

Antes do século XX, as pessoas com deficiência eram frequentemente excluídas da sociedade e não tinham acesso à educação formal. Eles eram vistos como "anormais" e muitas vezes eram institucionalizados em asilos ou hospitais. O ensino, quando oferecido, era voltado principalmente para a caridade e a religião. No início do século XX, houve um movimento em direção à inclusão e à valorização das pessoas com deficiência. Apareceram as primeiras escolas especiais, que ofereciam algum tipo de educação para alunos com deficiência. No entanto, ainda havia uma segregação clara entre essas escolas e as escolas regulares (PLETSCH, 2020).

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um aumento na conscientização e na defesa dos direitos das pessoas com deficiência. O movimento pelos direitos civis influenciou também a luta pelos direitos das pessoas com deficiência. A ideia de inclusão começou a ganhar força, defendendo que todos os alunos, independentemente de suas necessidades especiais, deveriam ter a oportunidade de frequentar escolas regulares (PLETSCH, 2020).



O Instituto Benjamin Constant (IBC) é uma instituição localizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Foi fundado em 17 de setembro de 1854 e é um centro de referência nacional para educação e atendimento a pessoas cegas e com baixa visão. O IBC oferece educação, reabilitação e serviços especializados para pessoas com deficiência visual, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio e a formação profissional (CERQUEIRA; PINHEIRO; FERREIRA, 2014).

O INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos é outra instituição brasileira, localizada também no Rio de Janeiro. Foi fundado em 26 de setembro de 1857, no período do Império do Brasil. O INES é uma escola especializada no atendimento e educação de pessoas surdas, oferecendo ensino bilíngue, com instrução em Libras (Língua Brasileira de Sinais) e na língua portuguesa (LOPES; FREITAS, 2016).

Ambos os institutos têm um histórico significativo no atendimento a pessoas com deficiência no Brasil e têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento da educação e reabilitação desses grupos.

Na década de 1970, surgiram leis em vários países, impulsionando outras que garantiam o direito à Educação Inclusiva, a Declaração de Salamanca, em 1994, foi um marco importante no desenvolvimento da Educação Especial, que reforçou o direito de todos os alunos à Educação Inclusiva e destacou a importância de adaptar o ensino e o ambiente escolar para atender às necessidades individuais dos alunos (MACENA; JUSTINO; CAPELLINI, 2018).

De acordo ainda com os autores Macena, Justino e Capellini (2018), com o avanço da tecnologia e da pesquisa na área da Educação Especial, surgiram novas abordagens e metodologias para a inclusão de alunos com necessidades especiais. O uso de recursos de tecnologia assistiva, como dispositivos de comunicação alternativa, softwares educacionais adaptados e ferramentas de acessibilidade, tornou-se mais comum nas escolas (MACENA; JUSTINO; CAPELLINI, 2018).

Atualmente, a Educação Especial continua a progredir e se ajustar às necessidades dos alunos. A inclusão é considerada um princípio essencial, no entanto, também se reconhece que certos alunos podem se beneficiar de abordagens específicas e suporte adicional e seu objetivo é assegurar que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de excelência, independentemente de suas habilidades ou limitações (BORGES, 2015).

A Educação Inclusiva é uma perspectiva educacional que busca assegurar a inclusão, participação e sucesso de todos os alunos, independentemente de suas particularidades individuais, necessidades especiais ou diferenças, fundamenta-se no princípio de que todos os alunos têm o direito de receber uma educação de excelência dentro de um ambiente inclusivo, onde sejam respeitados e valorizados (BORGES, 2015).

Segundo Dainez e Smolka (2019), a Educação Inclusiva busca eliminar as barreiras que impedem o acesso dos alunos à educação. Isso inclui a remoção de obstáculos físicos, como rampas de acesso e banheiros adaptados, além de garantir a disponibilidade de recursos e materiais adequados para todos os



alunos. A participação ativa de todos os alunos é fundamental na Educação Inclusiva. Isso implica em criar um ambiente acolhedor e seguro, onde os alunos se sintam valorizados e encorajados a contribuir com suas perspectivas e experiências. Além disso, é necessário garantir que os alunos sejam incluídos em todas as atividades educacionais, sociais e culturais da escola (DAINEZ; SMOLKA, 2019).

A Educação Inclusiva valoriza e celebra a diversidade presente na sala de aula, reconhece que os alunos têm diferentes habilidades, interesses, estilos de aprendizagem e necessidades educacionais. É importante adotar abordagens pedagógicas flexíveis, adaptáveis e diferenciadas para atender às necessidades individuais de cada aluno. A colaboração entre educadores, famílias, profissionais de apoio e a comunidade é fundamental na educação inclusiva. Essa parceria visa promover o envolvimento de todos os ¹stakeholders na tomada de decisões educacionais, no compartilhamento de informações e na criação de estratégias de apoio adequadas para os alunos (DAINEZ; SMOLKA, 2019).

De acordo com Dupin e Silva (2020), a Educação Especial é uma área da educação que visa atender as necessidades educacionais de pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. O objetivo é promover a inclusão dessas pessoas na escola regular, proporcionando-lhes condições adequadas de aprendizagem e desenvolvimento.

Diante disso, as Salas de Recursos multifuncionais são espaços físicos dentro das escolas regulares, especialmente equipados e organizados para oferecer atendimento especializado aos estudantes com deficiência ou necessidades educacionais especiais. Nessas salas, os alunos recebem apoio, recursos e estratégias pedagógicas específicas, de acordo com suas necessidades individuais (DUPIN; SILVA, 2020).

Dessa forma, a Educação Inclusiva reconhece que alguns alunos podem precisar de suporte adicional para alcançar seu potencial. Isso envolve o fornecimento de recursos, estratégias e serviços de apoio, como recursos de tecnologia assistiva, professores de apoio, terapeutas e profissionais especializados. O suporte deve ser individualizado e adaptado às necessidades específicas de cada aluno. A avaliação na Educação Inclusiva deve ser flexível e abrangente, levando em consideração diferentes formas de expressão e de avaliação das aprendizagens dos alunos. É importante considerar diferentes formatos de avaliação, como projetos, apresentações orais, portfólios e outros meios que permitam que os alunos demonstrem seu conhecimento e habilidades de maneira autêntica (ZANATO; GIMENEZ, 2017).

A perspectiva da Educação Inclusiva busca transformar as escolas em ambientes onde a diversidade é valorizada, os direitos são respeitados e todos os alunos têm a oportunidade de aprender juntos, crescer juntos e alcançar seu pleno potencial (ZANATO; GIMENEZ, 2017).

¹ Stakeholders são todas as pessoas, empresas ou instituições que tem algum tipo de interesse na gestão e nos resultados de um projeto ou organização, influenciando ou sendo influenciada.



4.2 TOD: DEFINIÇÕES

O TOD é um distúrbio comportamental que afeta crianças e adolescentes, os sintomas do TOD geralmente começam na infância, entre 3 e 8 anos de idade, e podem persistir na adolescência e na idade adulta. De acordo com Cáceres e Santos (2018), o TOD é mais comum em crianças e adolescentes, geralmente se manifestando antes dos oito anos de idade.

As características principais do TOD incluem uma tendência frequente de argumentar com adultos, recusar-se a cumprir regras e solicitações, desafiar e desobedecer ordens, irritabilidade e raiva intensa, comportamento vingativo, ressentimento e resisistência ao cumprimento de tarefas ou responsabilidades (CÁCERES; SANTOS, 2018).

É de suma importância ressaltar que o TOD vai além do comportamento típico de desobediência e rebeldia observado em algumas crianças e adolescentes. O transtorno envolve comportamentos persistentes e assíduos que causam dificuldades significativas na vida cotidiana da criança, afetando negativamente suas relações sociais, desempenho acadêmico e bem-estar emocional (OLIVEIRA, 2021).

O TOD é caracterizado, segundo Serra Pinheiro *et.al.* (2004, p.273) como:

O padrão global de desafio e comportamento hostil é caracterizado por uma tendência persistente em desobedecer, desafiar e se comportar de maneira agressiva ou desrespeitosa em relação a adultos e outras pessoas ao redor. Os indivíduos que exibem esse padrão geralmente têm dificuldade em aceitar regras e limites, não assumem a responsabilidade por suas ações inadequadas e frequentemente perturbam deliberadamente os outros.

A criança com TOD não aceita contrariedades, o que pode levar a perda de controle e comportamentos agressivos. Essas crianças muitas vezes culpam os outros por seus próprios erros ou comportamento inadequado, e acabam usando o incômodo como uma forma de proteção quando se sentem insatisfeitas com as regras impostas a elas.

Conforme descrito por Kaplan (1997), os sintomas mais frequentemente observados em crianças com TOD incluem: discussões frequentes com adultos, recusa ativa em obedecer solicitações e regras de autoridades, perturbação deliberada de outras pessoas e frequentemente atribuir a responsabilidade de seus erros ou mau comportamento a terceiros. Esse transtorno é mais comumente identificado na infância, pois é nessa fase que a criança tem mais contato com figuras de autoridade.

É importante que pais, cuidadores e educadores estejam cientes desses sinais e sintomas para que possam identificar e buscar ajuda profissional adequada, já que o TOD pode afetar negativamente o desempenho acadêmico e social da criança. O tratamento pode incluir terapia comportamental e intervenções educacionais específicas para auxiliar a criança a desenvolver habilidades de enfrentamento e a lidar de forma mais adaptativa com as contrariedades e as regras.

De acordo com os autores mencionados anteriormente, Souza (2020, p.287) afirma que a



agressividade é a principal evidência de que os comportamentos opostos são agressivos, uma vez que causam mal-estar emocional no outro e têm a intenção de agredir. Nesse sentido, uma forma comum de demonstrar insatisfação em relação a uma autoridade imposta ou a algo que contrarie seus desejos momentâneos é por meio da agressividade.

Segundo Taborda, Rodrigues e Rosa (2019, p.25):

Indivíduos com TOD frequentemente apresentam uma percepção contraditória em relação ao seu próprio comportamento, que geralmente difere da realidade. Eles tendem a afirmar que seus comportamentos desafiadores e opostos são uma reação a exigências e eventos considerados absurdos, que são impostos a eles.

De acordo com o autor, criança ou adolescente com TOD dificilmente entenderá que algo que ele está fazendo está errado, e jamais assumirá sua responsabilidade frente ao ato cometido.

Segundo Kummer *et.al.* (2016), as causas do transtorno desafiador opositivo são complexas e multifatoriais. Os estudos científicos evidenciam que múltiplos fatores de risco estão relacionados ao surgimento do transtorno. Esses fatores são eventos, características ou processos que aumentam as chances do desencadeamento do problema comportamental, e seu desenvolvimento está provavelmente relacionado com uma quantidade de fatores de risco presentes na criança.

Segundo Mendes (2022), é imprescindível que se leve em consideração o TOD muito além de agir de maneira desafiadora ou acatar um comportamento de birra, pois o comportamento opositivo temporário é uma parte natural do desenvolvimento da personalidade da criança, tornando crucial um diagnóstico preciso para evitar confusões. É importante destacar que esse transtorno não deve ser confundido com as fases normais pelas quais as crianças passam durante a infância. Portanto, um diagnóstico médico preciso é essencial para a devida confirmação do TOD.

Segundo ainda a autora Mendes (2022, p. 272):

Inicialmente, em qualquer caso de transtorno e para cada paciente, o primeiro passo crucial é conduzir uma avaliação minuciosa. Essa avaliação visa coletar dados precisos e consistentes, a fim de compreender completamente a situação e estabelecer uma base sólida. É fundamental conhecer a pessoa em questão, suas necessidades específicas, sua história de aprendizagem e seus relacionamentos com o ambiente ao redor.

Através dessa avaliação, é possível chegar a um diagnóstico detalhado, tanto em termos de características visíveis quanto de aspectos funcionais do transtorno. Também é importante considerar possíveis diagnósticos diferenciais, garantindo que a abordagem terapêutica seja a mais apropriada e eficaz para o paciente em questão (MENDES,2022).

Vale ressaltar que a avaliação não se limita apenas ao início do processo de acompanhamento psicoterapêutico, mas é um processo contínuo durante todo o tratamento. Isso permite que os profissionais de saúde mental monitorem o progresso do paciente ao longo do tempo e façam ajustes adequados no plano



de tratamento conforme necessário. O foco na avaliação contínua ajuda a garantir que a terapia seja adaptada às necessidades em constante mudança do indivíduo, buscando o melhor resultado possível para o seu bem-estar mental (MENDES,2022).

De acordo com Santos, Silva e Alencar (2021, p. 443) O transtorno desafiador opositivo é uma condição comportamental comum entre crianças de idade escolar e pode ser definido como um padrão persistente de comportamentos negativistas, hostis, desafiadores e desobedientes observado nas interações sociais da criança com adultos e figuras de autoridade de uma forma geral, como pais, tios, avós e professores, podendo estar presente também em seus relacionamentos com amigos e colegas de escola.

Segundo Oliveira (2021,p.10):

Quando o Transtorno Desafiador Opositivo (TDO) não é adequadamente tratado, existe uma possibilidade significativa de que cerca de 75% dos casos evoluam para o Transtorno de Conduta. Esse risco é ainda maior em situações em que os sintomas começaram antes dos oito anos de idade. Portanto, o diagnóstico precoce e o tratamento adequado desempenham um papel crucial na prevenção dessa evolução para o Transtorno de Conduta. É fundamental agir o quanto antes para intervir nos sintomas e comportamentos desafiadores, promovendo um desenvolvimento saudável e ajudando a evitar complicações futuras.

De acordo com o autor, TOD se torna mais evidente na fase da infância, quando a criança entra em contato com a sociedade, interagindo com diversas pessoas e se deparando com as normas e regras impostas pela sociedade em que vive. Quando uma criança exibe um comportamento considerado inaceitável pela sociedade, ela acaba sendo evitada pelas outras pessoas, que temem ser agredidas ou sofrer algum tipo de ofensa. Como resultado, a criança com TOD enfrenta grandes dificuldades na socialização com os demais indivíduos que a cercam (OLIVEIRA, 2021). No DSM-5, o Transtorno Desafiador de Oposição (TDO) é reconhecido como um diagnóstico psiquiátrico.

A seguir Rampinelli, Santos e Baumgarten (2020), destacam os critérios diagnósticos do TDO de acordo com o DSM-5:

A. Um padrão de humor irritável/raiva, comportamento desafiador ou vingativo que dura pelo menos seis meses, manifestando-se por pelo menos quatro dos seguintes sintomas em relação a pessoas que não fazem parte do ambiente familiar:

1. Com frequência perde a calma.
2. Com frequência discute com adultos.
3. Com frequência desafia ativamente regras ou se recusa a cumprir solicitações de adultos.
4. Com frequência perturba deliberadamente outras pessoas.
5. Com frequência culpa outros por seus erros ou mau comportamento.
6. Com frequência é facilmente incomodado por outros.
7. Com frequência é raivoso e ressentido.
8. Com frequência é malicioso ou vingativo.



B. O humor irritável/raiva é apresentado durante a interação com pelo menos uma pessoa diferente daquelas do critério A.

C. O comportamento do indivíduo descrito no critério A causa prejuízo funcional em pelo menos dois dos seguintes contextos: social, acadêmico ou ocupacional.

D. O comportamento problemático não é exclusivamente atribuível a um transtorno disruptivo do humor, transtorno bipolar, transtorno de personalidade antissocial ou transtorno psicótico.

O transtorno comportamental não ocorre exclusivamente durante o curso de transtorno depressivo maior ou transtorno bipolar (RAMPINELLI; SANTOS; BAUMGARTEN, 2020).

4.3 ADAPTAÇÕES E FLEXIBILIZAÇÕES PARA CRIANÇAS COM TOD

Para crianças com TOD que tenham necessidades específicas, é importante buscar adaptações e flexibilizações para que elas possam ter uma experiência inclusiva e positiva. O corpo docente possui uma grande responsabilidade no desenvolvimento dos alunos, visto que tem o poder da mudança, podendo proporcionar de acordo com suas atitudes um rendimento positivo ou negativo na vida dos estudantes com TOD.

De acordo com Oliveira *et al.* (2020), é recomendável estabelecer rotinas e limites para crianças com TOD, a fim de que elas possam se beneficiar de uma estrutura consistente e previsível.

Além disso, é fundamental definir limites claros quanto ao comportamento adequado e as consequências para o comportamento inadequado. Estabelecer regras e expectativas pode ajudar a criança a entender o que é esperado dela em diferentes situações e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhe um senso de segurança e previsibilidade (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Essas estratégias podem auxiliar na gestão do comportamento das crianças com TOD, contribuindo para melhorar o ambiente familiar e facilitando o desenvolvimento saudável e adequado dessas crianças. No entanto, é importante ressaltar que cada criança é única, e é fundamental adaptar as estratégias de acordo com suas necessidades individuais, bem como considerar a importância de um acompanhamento profissional adequado, como psicoterapia ou orientação de especialistas em saúde mental, para auxiliar tanto a criança quanto a família no enfrentamento deste transtorno (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

O autor salienta novamente a relevância de fortalecer o comportamento positivo e reconhecer as atitudes adequadas da criança. Sugerindo o uso de elogios, adesivos, tabelas de recompensas ou outros sistemas de reforço para incentivar comportamentos positivos, como seguir instruções ou lidar com a raiva (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

De acordo com Araújo e Araújo (2017), é recomendado o uso de estratégias de comunicação afetiva ao lidar com crianças com TOD. Essas crianças podem enfrentar dificuldades em expressar suas emoções e



necessidades de forma adequada. Portanto, é fundamental auxiliá-las no desenvolvimento de habilidades de comunicação afetiva, ensinando-as a expressar seus sentimentos de maneira apropriada e oferecendo alternativas saudáveis para lidar com a frustração ou raiva.

Os autores também enfatizam a importância de ensinar a habilidade de resolução de problemas, auxiliando a criança a desenvolver a capacidade de enfrentar os desafios de forma construtiva. Isso inclui ensiná-las a identificar os problemas, considerar alternativas, avaliar as consequências e tomar decisões adequadas. Ao adquirirem essas habilidades, as crianças com TOD podem lidar melhor com situações desafiadoras e reduzir a tendência a comportamentos desafiadores (ARAÚJO; ARAÚJO, 2017).

É de extrema importância também oferecer suporte emocional e social às crianças com TOD. Muitas vezes, elas podem enfrentar sentimentos de frustração, raiva e isolamento. Por isso, é crucial proporcionar um ambiente acolhedor e de apoio emocional, no qual a criança se sinta segura para expressar suas emoções (ARAÚJO; ARAÚJO, 2017).

De acordo ainda com Araújo e Araújo (2017), promover a interação social positiva é igualmente fundamental. Isso pode ser alcançado ao incentivar atividades recreativas que estimulem a participação ativa da criança e, ao mesmo tempo, ofereçam oportunidades para socializar com outras crianças. Essas atividades podem variar de jogos em grupo a esportes ou outras atividades colaborativas.

Ao estabelecer esse ambiente de suporte emocional e social, os adultos envolvidos, como pais, professores e cuidadores, devem demonstrar empatia, compreensão e paciência. Isso auxilia as crianças com TOD a lidarem melhor com suas emoções e comportamentos, além de encorajá-las a desenvolver habilidades sociais adequadas para interagir com os outros de maneira positiva (ARAÚJO; ARAÚJO, 2017).

Faz-se importante adaptar as estratégias de suporte emocional e social às necessidades individuais de cada criança. Isso pode ser feito através da observação atenta e da escuta ativa, para identificar quais abordagens são mais eficazes para ajudá-las a lidar com suas emoções e a desenvolver relações sociais saudáveis (ARAÚJO; ARAÚJO, 2017).

De acordo com Varela (2022), é importante também colaborar com a escola manter uma boa comunicação, aberta e regular com a escola da criança, compartilhar informações sobre o TOD e discutir estratégias que possam ser implementadas na sala de aula para ajudar a criança a ter sucesso acadêmico e social.

Outro ponto importante, segundo as pesquisas de Varela (2022), é considerar a relevância das abordagens terapêuticas comportamentais, como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) que visa identificar a modificação de pensamento e comportamento disfuncionais, baseada em evidências que tem



sido eficaz no tratamento de uma ampla gama de transtornos ou a ²terapia de jogo, no tratamento de crianças com TOD. Essas abordagens têm se mostrado úteis para auxiliar as crianças a desenvolver habilidades de enfrentamento, aprimorar a regulação emocional e aprender estratégias eficazes para lidar com comportamentos desafiadores.

Ao empregar a terapia cognitivo-comportamental, a criança é guiada por um profissional qualificado a identificar e modificar padrões de pensamentos negativos e comportamentos disfuncionais, o que pode contribuir significativamente para a redução dos sintomas do TOD e para a promoção de uma melhor adaptação social e emocional (VARELA, 2022).

De acordo ainda com Varela (2022), a terapia de jogo permite que a criança se expresse de forma lúdica e simbólica, o que pode facilitar a compreensão de suas emoções e comportamentos, bem como ajudá-la a encontrar maneiras mais adequadas de lidar com suas dificuldades. Portanto, ao integrar essas abordagens terapêuticas ao tratamento do Transtorno Opositivo-Desafiador em crianças, é possível oferecer suporte adequado para o desenvolvimento de habilidades essenciais, tornando o processo terapêutico mais efetivo e benéfico para o bem-estar da criança.

4.4 ESTRATÉGIAS QUE ESTIMULEM O INTERESSE DA CRIANÇA COM TOD NAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Estimular o interesse da criança com TOD nas atividades propostas pode ser um desafio, pois o TOD é caracterizado por padrões comportamentais negativistas e desafiadores. No entanto, com estratégias adequadas, é possível despertar o interesse e envolvimento dessas crianças nas atividades, promovendo seu desenvolvimento e bem-estar.

De acordo com Faria e Camargo (2018) uma estratégia pedagógica é um plano de ação ou abordagem sistematizada utilizada pelos educadores para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Essas estratégias são projetadas para engajar e motivar os alunos, tornar o conteúdo mais acessível e promover o desenvolvimento de habilidades e competências (FARIA; CAMARGO, 2018).

As estratégias pedagógicas podem variar amplamente de acordo com os objetivos de ensino, o perfil dos alunos, o contexto educacional e as disciplinas envolvidas. Elas podem incluir métodos de ensino, técnicas de avaliação, recursos educacionais, dinâmicas de sala de aula, abordagens de ensino individualizado, entre outros (FARIA; CAMARGO, 2018).

Uma estratégia pedagógica eficaz deve ser baseada nas necessidades e características dos alunos, promovendo a participação ativa, a reflexão, a construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, criatividade, colaboração e resolução de problemas. Além disso, as

² Terapia de jogo é uma abordagem terapêutica que utiliza brincadeiras e jogos como forma de crianças, adolescentes e adultos expressarem seus sentimentos, resolverem problemas e favorece no desenvolvimento socioemocional.



estratégias pedagógicas devem ser flexíveis e adaptáveis, levando em consideração as diferenças individuais e criando um ambiente de aprendizagem inclusivo (BARBOSA *et.al.*, 2020).

De acordo ainda com as pesquisas de Barbosa *et.al.* (2020), estratégias pedagógicas são fundamentais para o sucesso do desenvolvimento escolar da criança com TOD. Com profissionais empenhados a desenvolver ferramentas para a adaptação dessa criança, será de grande valia para uma nova história na vida dessa criança com Transtorno.

Segundo Santiago e Santos (2015,p.485):

É fundamental ressaltar a importância da equipe pedagógica em desenvolver estratégias que abordem a fragilidade na escola com dinamismo. A formação proporcionada pela escola desempenha um papel crucial na vida dos indivíduos, e se um aluno mantiver comportamentos fragilizados, isso pode afetar negativamente sua formação educacional.

Como Santiago e Santos (2015) ressaltaram, é importante que se pense em estratégias que possam diminuir a fragilidade da criança com TOD na escola, para que a sua formação não seja afetada. E para que isso não ocorra, é necessário que a criança seja incluída em todas as atividades propostas (SANTIAGO; SANTOS, 2015).

Segundo Relvas (2023) no processo neuropsicológico do ato de aprender, assumem papel de mais alta importância a atenção, a memória e as funções executivas, bem como os distúrbios atencionais e das funções corticais de percepção, planejamento, organização e inibição comportamental, por outro lado, a memória é essencial em todos os processos de aprendizagem e seus distúrbios não permitem reter as informações (RELVAS, 2023).

Uma prática pedagógica eficaz são instrumentos para trabalhar com crianças com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) utilizando jogos de memorização. Essa abordagem é benéfica, pois os jogos são capazes de prender a atenção das crianças, estimular o raciocínio e incentivá-las a pensar de forma mais ativa. Essas características são especialmente importantes para crianças com TOD, que podem apresentar dificuldades em se concentrar e se envolver em atividades de aprendizagem mais tradicionais (RELVAS, 2023).

Para lidar com alunos com Transtorno Opositivo Desafiador (TOD) em sala de aula no ensino fundamental, é importante adotar uma abordagem que promova a compreensão, a cooperação e a gestão adequada do comportamento, assim, Silva (2017), ressalta algumas, sendo elas:

- 1. Conheça o aluno:** É fundamental entender as características e necessidades específicas do aluno com TOD. Converse com os pais, profissionais de saúde e a equipe pedagógica para obter informações relevantes sobre o aluno, como seus desencadeadores de comportamento desafiador, estratégias que funcionam e outras considerações importantes .



2. Apoio individualizado: Ofereça apoio individualizado ao aluno com TOD, tanto acadêmico quanto emocional. Adaptar o currículo às suas necessidades específicas e fornecer instruções claras e concisas pode ajudar a mantê-lo engajado e reduzir a frustração.

3. Suporte multidisciplinar: Trabalhe em estreita colaboração com a equipe escolar, como psicólogos, conselheiros e especialistas em educação especial. Eles podem fornecer orientação adicional, estratégias personalizadas e recursos específicos para alunos com TOD.

4. Modelagem de comportamento adequado: Exemplifique e ensine comportamentos adequados por meio da modelagem. Demonstre como agir em diferentes situações e forneça oportunidades para que o aluno pratique essas habilidades.

No entanto, a autora ressalta que cada aluno é único, portanto, é importante adaptar as metodologias de acordo com as necessidades individuais e buscar apoio de profissionais especializados, como psicólogos, pedagogos e terapeutas ocupacionais.

4.5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nas pesquisas realizadas foram encontrados 10 trabalhos acerca do tema, que serão discutidos a seguir. Os arquivos foram escolhidos pela necessidade de buscar informações de fontes confiáveis e atualizadas para garantir uma compreensão adequada e precisa do TOD.

Quadro 1 – Estudos encontrados acerca do tema

AUTOR	OBJETIVO	METODOLOGIA	RESULTADOS/CONCLUSÃO
Araújo e Araújo, 2017	Trazer à tona o processo de inclusão do indivíduo com esse transtorno nas aulas de educação física.	Pesquisa – ação	Como resultados desse trabalho, é possível ressaltar a necessidade de propostas metodológicas para o trabalho pedagógico com a criança com esse transtorno, onde cada criança é singular. Por isso, os professores devem observar quais atividades a criança aprecia realizar dentro do contexto escolar, assim, o contexto social e cultural do sujeito será valorizado e as características biológicas serão deixadas em segundo plano.
Mendes, 2022	Explorar e compreender as práticas pedagógicas do professor para o desenvolvimento de crianças portadoras do Transtorno Opositor Desafiador no ambiente escolar.	Pesquisa quantitativa/ entrevistas semiestruturadas	Conclui-se que a criança possui características peculiares e que a escola e os professores desempenham um papel importante no sentido de oferecer um espaço às brincadeiras associadas a situações de aprendizagem que sejam significativas, contribuindo de forma agradável e saudável para o desenvolvimento do aluno.
Menezes, Meneses, Silva, 2022	Refletir sobre o TOD - Transtorno Opositor Desafiador e como lidar com os desafios da alfabetização, analisando como fazer um trabalho de qualidade com os alunos que possuem esse transtorno	Pesquisa Bibliográfica	O processo de alfabetização do aluno com TOD é um desafio para os professores, por ser muito difícil de conseguir prender a atenção desse aluno no momento em que o conteúdo em sala é explicado devido à dificuldade de concentração desse aluno por causa da agitação.

Silva, Silva e Oliveira, 2021	Trazer a experiência de uma professora no contexto de sala de aula dos Anos Iniciais, em uma escola pública, situada na periferia da cidade de Rio Grande/RS, durante o ano de 2019.	Estudo de campo/narrativa.	Esta escrita traz problematizações referentes ao planejamento, a partir da reflexão do papel do professor que por vezes necessita ter um olhar sensível para cada estudante e para que as ações na sala de aula incluam todos como sujeitos do seu processo de aprendizagem.
Utzig <i>et.al.</i> , 2023	Investigar as estratégias educacionais utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de alunos com TOD no âmbito escolar de escolas da rede pública municipal de Uruguai/RS	Pesquisa estudo de caso/qualitativa e exploratória	O estudo gerou dados informativos acerca do TOD para o município, assim, contribuindo significativamente na compreensão de estratégias pedagógicas, potencializando o processo de ensino-aprendizagem de alunos com diagnóstico do TOD na escola
Mendes <i>et.al.</i> , 2021	Discutir como as brinquedotecas nas escolas podem auxiliar crianças e/ou adolescentes com o Transtorno de Oposição Desafiante (TOD),	Pesquisa bibliográfica/revisão narrativa	Com base nos materiais verificados, foi possível identificar que as crianças e/ou adolescentes que tem o TOD podem se beneficiar do ambiente das brinquedotecas, principalmente na questão da inclusão social, além de apresentar melhoras significativas em seus comportamentos por meio do brincar e de atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas nesses espaços.
Silva, 2017	Refletir sobre o transtorno opoissor desafiador e como enfrentá-lo no dia a dia da escola buscando fazer um trabalho significativo com os alunos acometidos desse comportamento para que consigam seguir adiante no seu processo de aprendizagem e melhorem seu relacionamento com seus pais, seus professores e os colegas.	Pesquisa bibliográfica	O TOD acomete crianças e adolescentes. Há possíveis causas e fatores, mas é preciso que a pesquisa sobre o TOD se aprofunde para dar melhores respostas. O trabalho em sala de aula é praticamente ineficaz se não houver uma equipe multidisciplinar que faça seu trabalho específico na qual o professor seja um dos profissionais envolvidos.
Cáceres e Santos 2018	Fornecer aos educadores que trabalham com esse aluno, subsídios, informações, mesmo que de forma inicialmente mínima, que o auxiliarão em seu trabalho e especialmente aos que trabalham língua portuguesa, disciplina pautada em normas e regras, apontar mecanismos que venham auxiliar o aprendizado do aluno e sua interação em sala de aula.	Pesquisa bibliográfica	Buscar informações para esse transtorno é essencial aos professores em geral, especialmente os de língua portuguesa, já que a disciplina por si só, pauta-se em regras e normas que também são conflitantes aos portadores desse transtorno.
Souza, 2020	Analisar as dificuldades enfrentadas por alunos do Ensino Fundamental com o Transtorno Opositor Desafiador no processo de ensino aprendizagem.	Pesquisa bibliográfica	Concluiu-se que crianças com este transtorno pode apresentar comportamento e aprendizagem diferentes em determinadas disciplinas
Araújo, 2023	Investigar sobre o atendimento dos monitores aos alunos com NEE, que tem sido muito valorizado nos últimos anos	Pesquisa bibliográfica	Como resultados, foi possível perceber que todos os monitores que trabalham em uma sala de Recurso Multifuncional possuem formação geral em inclusão, contudo, há ainda a necessidade de formações específicas que atendam as especificidades de cada aluno e sua deficiência ou transtorno



Diante dos estudos realizados com uma estudante com TOD por Araújo e Araújo (2017), é importante dizer que esta pesquisa trouxe uma reflexão ampla sobre as dificuldades de inclusão escolar de crianças com TOD e contribuiu para a superação dos desafios da inclusão em a escola âmbito físico. Além disso, os autores ressaltam a necessidade de propostas sistematizadas de trabalho educativo com crianças com TOD, em que cada criança possa ser considerada como um sujeito único, único em sua constituição sócio-histórica. Sendo assim, compreendendo que deve-se respeitar e aprender para proporcionar melhores formas de ensinar as crianças com TDO nas aulas de educação física.

A pesquisa de Mendes (2022), apresentou os desafios e as práticas pedagógicas do professor com alunos com TOD nos primeiros anos do ensino fundamental, com o objetivo de analisar as rotinas pedagógicas dos professores no processo de aprendizagem desses alunos. Devido a isso, concordou-se que além do conhecimento pedagógico, é importante que os educadores busquem o aperfeiçoamento profissional a fim de se preparar na prática e manter a qualidade do ensino e aprendizagem do aluno inclusive sabendo lidar com situações difíceis como distúrbios globais do desenvolvimento e/ou seu próprio transtorno mencionado aqui, TOD (MENDES, 2022).

Como visto nos estudos de Menezes, Meneses e Silva (2022), apesar de acometer parte de crianças e adolescentes, pouco se fala sobre esse transtorno e causa impacto no trabalho escolar e que por meio de pouca informação sobre o transtorno a criança não consegue desenvolver seu convívio social relacionamentos. Dessa forma, os autores concluem que a escola deve estar preparada para trabalhar com alunos com TOD, e não apenas inseri-lo em sala de aula, pois é um direito garantido por lei, precisa instruir seus funcionários a fazer uma adequação de qualidade do aluno com TOD, sempre oferecendo segurança e respeitando seus limites. Ademais, a escola deve primeiro se conscientizar sobre o transtorno e buscar novos métodos educacionais para fazer com que os alunos com TOD se desenvolvam da mesma forma em sala de aula e precisam também fornecer maneiras de promover a amizade respeito pelas diferenças e camaradagem.

Silva, Silva e Oliveira (2021), ressaltam a importância do planejamento diante de desafios como este, em que tem o aluno como sujeito principal e a partir do qual podem ser desenvolvidas atividades. Diante disso, é necessário fazer um planejamento e o mesmo deve priorizar o potencial de cada aluno para que ele se desenvolva de acordo com suas possibilidades, tornando-o um sujeito socialmente participativo. Como também, foi reafirmado em seus estudos, a importância da sala de recursos como apoio aos professores que enfrentam o repto da inclusão. Os profissionais que atuam nessa área, além de contribuir com sua experiência, também oferecem material pedagógico, o próprio espaço físico e auxílio profissional no plantão, todas essas ações que fazem a diferença na escola para o professor e principalmente para o aluno.

A pesquisa de Utzig *et.al.* (2023), analisou a concepção e estratégias pedagógicas de ensino e aprendizagem utilizadas pelos professores dos primeiros anos do ensino fundamental, assim, pode-se verificar em termos da trajetória profissional na educação da criança com NEE, a base emerge



principalmente da prática pedagógica e das vivências cotidianas dos professores, pois a formação inicial é frágil e generalista com poucas informações sobre o trabalho escolar que contempla diversos transtornos. Diante disso, a percepção docente do TOD enfatiza as características diagnósticas dos alunos e os comportamentos apresentados pelos indivíduos com esse transtorno, além disso, observou-se que os professores desconhecem ou têm pouco conhecimento sobre a patologia desse transtorno, bem como o diagnóstico e intervenções relacionadas ao TOD. Nesse sentido, reflete a necessidade de os professores aprofundarem seus conhecimentos técnico-científicos sobre TOD, a fim de buscar soluções alternativas para os problemas de aprendizagem e de comportamento de crianças com esse transtorno e, assim, conseguir praticar uma tarefa que potencialize o aprendizado desenvolvimento de competências e habilidades desses sujeitos promovendo um melhor desempenho escolar (Utzig *et.al.*, 2023).

Silva (2017), destaca em seus estudos que a escola deve conhecer, trabalhar e oferecer novas abordagens pedagógicas para que todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem se sintam responsáveis por elas, não apenas os espectadores. Além disso, a escola deve oportunizar boas relações afetivas na comunidade escolar, estimulando a amizade, o companheirismo, o respeito às diferenças, o pertencimento ao grupo e o autoconhecimento que ajudem esses alunos a se inserir cada vez mais plenamente no mundo.

De acordo com Cáceres e Santos (2018), quando se fala em TOD, mais especificamente, dentre os tantos transtornos vivenciados pelos educadores, deve-se ter em mente que esse transtorno específico deve ser "descoberto" o quanto antes, para que o indivíduo que não tenha uma boa vivência, quem não aprende, quem ataca, quem não respeita, entre outras características, pode ver sua vida "normalizada", já que tratamentos médicos, terapias e medicamentos específicos podem auxiliá-los nessa tarefa de aprendizado e socialização.

Para os autores ainda, os professores, tanto de português quanto de outras disciplinas, devem buscar aprender sobre os transtornos como forma de aprendizado, sem querer fazer diagnósticos, pois isso é responsabilidade dos médicos e demais profissionais de saúde. Com o intuito de conduzir o ensino com maior eficiência, para que todos os alunos sob sua orientação sejam auxiliados naquele momento. Bem como, o que deve ser levado em consideração é que ao perceber-se que "algo está errado" seja pelo comportamento do aluno, pelo desinteresse, pela violência ou pela apatia que ele demonstra, uma investigação deve ser realizada por uma equipe multidisciplinar para indicar o que o aluno realmente possui e qual a melhor forma de interagir com ele, qual a melhor forma de aprendizagem que ele pode edificar, sozinho e com a ajuda do professor (CÁCERES; SANTOS, 2018).

A autora Souza (2020), apresenta em seus estudos que quando as famílias e os professores são atendidos e com conselhos de profissionais de saúde, como psicólogos, psiquiatras e terapeutas, o conhecimento gerado a partir de estratégias para lidar melhor com o comportamento negativo é inestimável



durante os períodos de nervosismo que as crianças ocasionalmente apresentam. Porém, sem esse controle e orientação, você pode perder o controle por não saber como agir em determinadas situações. Diante disso, essas recomendações estão disponíveis em palestras, sessões em grupo, cursos de desenvolvimento profissional, eventos e muito mais.

Colaborando com os estudos acima, Araújo (2023), destaca em suas pesquisas que trabalhar com alunos com necessidades especiais requer planejamento e capacitação por parte do profissional que atua diretamente na sala de recursos multifuncionais, são esses conjuntos de atividades e estratégias que fazem todo o processo de acessibilidade e inclusão efetiva ocorrer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho sobre o TOD, observa-se que os objetivos propostos foram alcançados de forma satisfatória. Inicialmente, buscou-se compreender a natureza do TOD e sua incidência na população, o que foi abordado através de pesquisas bibliográficas e análise de estatísticas atualizadas. Ao longo das pesquisas realizadas, constata-se a importância de um diagnóstico precoce e preciso do TOD, pois isso permite o desenvolvimento de estratégias de intervenção e apoio adequadas para os alunos. Dessa forma, faz-se necessário que professores e profissionais da área da saúde trabalhem em conjunto, utilizando instrumentos de avaliação validados e observações sistemáticas, para identificar esses comportamentos desafiadores.

É fundamental que os educadores estejam conscientes dos sintomas e características do TOD, a fim de evitar a estigmatização e promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor. Diante disso, estratégias de manejo eficazes devem ser implementadas, como o estabelecimento de regras claras, o uso de reforço positivo, a mediação de conflitos e a promoção da autorregulação emocional. Além disso, é importante reconhecer que cada aluno é único e pode responder de forma diferente às estratégias de intervenção. Portanto, um apoio individualizado e adaptado às necessidades específicas de cada criança com TOD é essencial para maximizar seu potencial acadêmico e social.

Por fim, o trabalho também se propôs a conscientizar e desmistificar a condição, reduzindo o estigma em torno do transtorno opositor e promovendo a empatia e compreensão. Com a divulgação de informações precisas e embasadas, espera-se que o conhecimento sobre o transtorno opositor se dissemine, favorecendo uma melhor convivência e inclusão dos indivíduos afetados. Desse modo, espera-se que este estudo contribua para a disseminação do conhecimento sobre o transtorno opositor e, conseqüentemente, para a melhoria do cuidado e suporte oferecido às pessoas que vivem com essa condição.



REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.

ARAÚJO, Fabiana Zanol; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. A CRIANÇA COM TRANSTORNO OPOSITIVO DESAFIADOR: INCLUSÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva, v. 2, p. 340-357, 2018.

ARAÚJO, Fabiana Zanol; ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes. A criança com Transtorno Opositivo Desafiador nas aulas de educação física: pressupostos inclusivos. Linguagens, Educação e Sociedade, v. 1, n. 37, p. 190-208, 2017.

ARAÚJO, Ana Lúcia Costa. A formação do monitor educacional para o acompanhamento dos alunos com NEE na sala de recursos multifuncional. 2023. Tese de Doutorado.

BARBOSA ABRAHÃO, Anaisa Leal et al. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), inclusão educacional e Treinamento, Desenvolvimento e Educação de Pessoas (TD&E): uma revisão integrativa. Revista Psicologia. Organizações e Trabalho, v. 20, n. 2, 2020.

BORGES, Adriana Araújo Pereira. As classes especiais e Helena Antipoff: uma contribuição à história da educação especial no Brasil. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 21, p. 345-362, 2015.

CÁCERES, Nilcéia Gonçalves; SANTOS, N. G. Conhecendo o Transtorno Opositivo Desafiador–TOD–E estabelecendo relações de aprendizagem escolar. Rev. Philologus, v. 24, n. 72, p. 676-686, 2018.

CERQUEIRA, Jonir Bechara; PINHEIRO, Cláudia Regina Garcia; FERREIRA, Elise de Melo Borba. O Instituto Benjamin Constant e o sistema braille. Benjamin Constant, 2014.

DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A função social da escola em discussão, sob a perspectiva da educação inclusiva. Educação e Pesquisa, v. 45, 2019.

DUPIN, A. A. S. Q.; SILVA, M. O. Educação especial e a legislação brasileira: revisão de literatura. Scientia Vitae, 2020

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de. As emoções do professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 24, p. 217-228, 2018.

GARCIA, Elias. Pesquisa bibliográfica versus revisão bibliográfica-uma discussão necessária. Línguas & Letras, v. 17, n. 35, 2016.

KAPLAN, Harold I. Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica/Harold I. Kaplan. 1997.

KUMMER, Arthur et al. Frequência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes com autismo e transtorno do déficit de atenção/hiperatividade. Revista Paulista de pediatria, v. 34, p. 71-77, 2016.

LOPES, Sonia de Castro; FREITAS, Geise de Moura. A construção do projeto bilíngue para surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos na década de 1990. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,



v. 97, p. 372-386, 2016.

MACENA, Janaina de Oliveira; JUSTINO, Laura Regina Paniagua; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. O Plano Nacional de Educação 2014–2024 e os desafios para a Educação Especial na perspectiva de uma Cultura Inclusiva. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 26, p. 1283-1302, 2018.

MENDES, Larissa Calixto. Os desafios e práticas pedagógicas do professor em sala de aula com uma criança com transtorno opositor desafiador. *Revista Eventos Pedagógicos*, v. 13, n. 2, p. 272-281, 2022.

MENDES, Bruna Araujo et al. BRINQUEDOTECAS E TRANSTORNO DE OPOSIÇÃO DESAFIANTE. *BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*, v. 29, n. 23, p. 1-13, 2021.

MENDES, Enicéia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. Ensino Colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial. São Carlos: EdUFSCar, 2018

MENEZES, Patrícia Oliveira; MENESES, Karinne Oliveira; DA SILVA DUARTE, Eli. O DESAFIO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TOD-TRANSTORNO Opositor DESAFIADOR. *Facit Business and Technology Journal*, v. 3, n. 39, 2022.

OLIVEIRA CÔRTEZ, Leila. Transtorno Desafiador Opositor na Infância. *Revista Portuguesa de Ciências e Saúde*, v. 2, n. 01, p. 1-11, 2021.

OLIVEIRA, Marines Andrezza de et al. Plano educacional individualizado e sua importância para a inclusão de crianças autistas. 2020.

PAULI, Patrícia Aparecida Coimbra de et al. A integração das tecnologias ao currículo inclusivo de crianças com TEA: um estudo de caso. 2019.

PLETSCH, Márcia Denise. O que há de especial na Educação Especial Brasileira? *Momento-Diálogos em Educação*, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2020.

RAMPINELLI, Michelle Menezes; DOS SANTOS CASSOL, Michelle; BAUMGARTEN, Gabriela Barbieri. Transtorno de oposição desafiante. *Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial*, v. 1, n. 1, 2020.

RELVAS, Marta Pires. *Neurociência na prática pedagógica. Digitaliza Conteúdo*, 2023.

SANTIAGO, Mylene Cristina; SANTOS, Mônica Pereira dos. Planejamento de Estratégias para o Processo de Inclusão: desafios em questão. *Educação e Realidade*, v. 40, n. 2, p. 485-502, 2015.

SANTOS, Barbara Thamirys do Amaral; DA SILVA, Jean Carlos de Freitas; DE ALENCAR, Gildiney Penaves. Desafios e práticas inclusivas ao aluno com transtorno opositor desafiador na Educação Física escolar: um estudo de revisão integrativa. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 22, n. 3, p. 433-439, 2021.

SERRA-PINHEIRO, Maria Antonia et al. Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 26, p. 273-276, 2004.



SILVA, TATIANE CRISTINA GONÇALVES. Transtorno Opositor Desafiador-Como enfrentar o TOD na escola. Monografia apresentada ao Instituto A Vez dos Mestres, Professora Orientadora: Fabiane Muniz, UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Daiane Leal; DA SILVA, Ida Letícia Gautério; DE OLIVEIRA SATT, Jorge Antônio. Experiências de Inclusão em Sala de Aula: A Narrativa de uma professora no cotidiano da Práxis. Revista Insignare Scientia-RIS, v. 4, n. 2, p. 68-76, 2021

SOUZA BLASIUS, Letícia Cristina. Transtorno Opositor Disruptivo e suas implicações na aprendizagem com alunos da rede municipal de Sinop. Revista Eventos Pedagógicos, v. 11, n. 2, p. 287-297, 2020.

TABORDA, Jeferson Camargo; RODRIGUES, Thiago Donda; DA ROSA, Fernanda Malinosky Coelho. DISCUSSÕES ACERCA DA MEDICALIZAÇÃO ASSOCIADA AO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR: o caso do transtorno opositor desafiante. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS, v. 25, n. 50.1, 2019.

UTZIG, Silvia Mossi et al. Estratégias pedagógicas no processo de ensinoaprendizagem de alunos com transtorno opositor desafiadornos anos iniciais de uma escola da rede municipal de Uruguaiana/RS. 2023.

VARELA, Mariana Oliveira Udre. Inclusão de crianças com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) na educação básica. 2022.

VIEIRA, Alexandro Braga; HERNANDEZ-PILOTO, Sumika Soares de Freitas; RAMOS, Ines de Oliveira. Base Nacional Comum Curricular: tensões que atravessam a Educação Básica e a Educação Especial. Educação, v. 42, n. 2, p. 351-360, 2019.

ZANATO, Caroline Borges; GIMENEZ, Roberto. Educação Inclusiva: um olhar sobre as adaptações curriculares. Revista@ mbienteeducação, v. 10, n. 2, p. 289-303, 2017